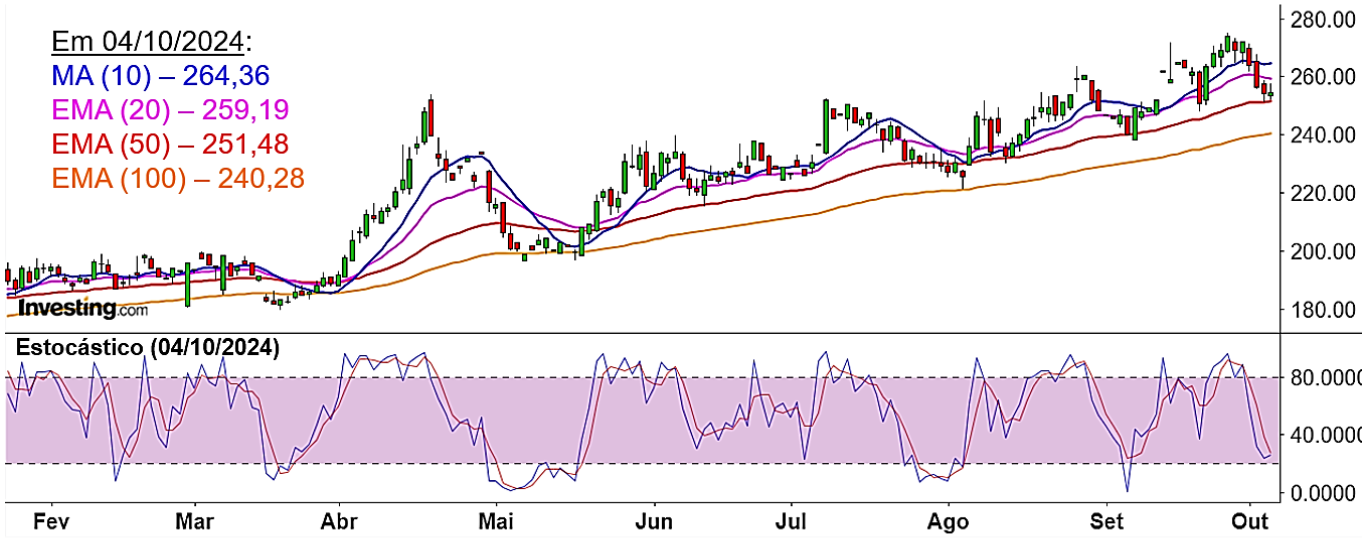
Chuva aparece (Bearish) Vs Chuva some (Bullish)

No mês de setembro/2024, o café Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 242,80 cents/lb, chegando a ser negociado, ainda na primeira semana do mês, próximo dos níveis de 235,00 cents/lb, para depois iniciar um movimento de recuperação e atingir níveis não vistos desde 2011 ao ser negociado a 275,05 cents/lb e encerrar o mês com fechamento em 270,25 cents/lb, portanto, mais um mês altista. Na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), iniciou o mês com o fechamento do primeiro em USD 4.700/ton. Daí em diante, em mais um intenso movimento altista, o Robusta/Conilon chegou a ser negociado em um novo recorde histórico de USD 5.575,00/ton, encerrando o mês cotado a USD 5.498,00/ton, portanto, mais um mês de altas expressivas na Bolsa de Londres. Os motivos desses movimentos nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Fevereiro a Outubro/2024



Fonte de dados: Investing.br — Análise Técnica: Fundação Procafé

Fechamentos - Mês de Setembro/2024

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$ 1.530,00	R$1.650,00	R$ 1.630,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$ 1.410,00	R$1.530,00	R$ 1.510,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$ 1.170,00	R$1.280,00	R$ 1.270,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R$/sc)	R$ 1.365,00	R$1.495,00	R$ 1.475,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	236,00	273,90	270,25
Bolsa SP - [B]³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	289,10	324,05	321,80
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	4.700,00	5.527,00	5.498,00
Câmbio - PTAX - USD/R$	R$ 5,4189	R$ 5,6554	R$ 5,4481

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: Dezembro/2024 **Contrato/Vencimento: Novembro/2024

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No mês de agosto/24, as cotações seguiram avançando e, tanto na Bolsa de Nova Iorque como na de Londres, o mercado alterou seu intervalo de negociações, subindo mais alguns degraus, amparado sobre tudo pelos receios de que as adversidades climáticas sigam impactando cada vez mais negativamente o quadro de oferta para o ciclo 2025/26 uma vez que, ao menos no maior produtor de café do mundo, o Brasil, as perdas para a safra do ano que vem já se consolidaram e podem seguir se agravando caso as chuvas previstas para outubro não cheguem em bom volume.

De modo coerente, a Conab, em sua previsão de safra do mês de setembro/24, revisou a safra brasileira deste ano (ciclo 2024/25) em 4,02 milhões de sacas a menos do que o estimado em sua previsão anterior. Para o atual ciclo, a estimativa inicial da entidade, em janeiro/24, era de 58,08 milhões de sacas, passando para 58,81 milhões na previsão do mês de maio/24 e corrigida atualmente para 54,79 milhões. Se nos dois primeiros levantamentos de safra a Conab apontou acréscimo da atual safra para a do ano passado, estimada em 55,07 milhões de sacas, agora, com a última atualização, a atual safra representa uma ligeira quebra contra a safra passada. Na última revisão dos números, para o café Arábica, a Conab aponta um ligeiro incremento, de 1,7%, da safra passada, estimada em 38,90 milhões de sacas, para a atual que está estimada em 39,59 milhões de sacas. Já para o Canephora, a Conab aponta uma quebra de 6% da safra passada, estimada em 16,17 milhões de sacas, para a atual safra, estimada em 15,20 milhões de sacas. O Brasil vem enfrentando o clima mais seco dos últimos 40 anos, com escassez de chuvas desde o mês de abril/24 e temperaturas extremamente elevadas. Para se ter melhor noção do atual cenário climático, um novo comparativo do balanço hídrico baseado em dados da Estação de Avisos Fitossanitários da Fundação Procafé em Varginha para os meses de setembro de 2020, de 2021, de 2022, de 2023 contra o mês de setembro de 2024 expõe o fato de que, se nos últimos anos o déficit hídrico do mês de setembro, abaixo da média histórica, estava crítico, agora, em 2024, segue caótico. Em setembro/20, o déficit hídrico era de -144,2mm, em setembro/21 era de -164,2mm, em setembro/22 era de -53,4mm, em setembro/23 era de -112,0. Já no mês de setembro/24, o déficit hídrico de Varginha fechou em -277,2mm. Essa situação alarmante se estende para outras importantes regiões cafeeiras do país e já comprometeu a safra brasileira do próximo ciclo (2025/2026). Conforme exposto na Síntese do mês passado, apesar do cafeeiro se apresentar como uma planta resiliente, a uma altura dessas, é impossível vislumbrar uma safra volumosa para o ano que vem. Além disso, o mercado deve se atentar ao fato de que, em inúmeras regiões do país, as plantas estão extremamente estressadas. Com o retorno das chuvas em maior volume previsto para o mês de outubro, é possível que ocorram floradas com alta intensidade de flor, mas é preciso ser cauteloso e não se enganar, pois flor não é café e, por experiência de anos anteriores, frente ao atual quadro climático, com alto nível de déficit hídrico aliado a temperaturas elevadas, dificilmente uma florada intensa resultará em uma alta carga de café. Para quem está mais próximo do campo, é mais fácil perceber esta realidade. Mesmo com o retorno das chuvas previsto para o mês de outubro/24, a safra brasileira para o ano que vem, já possui níveis relevantes de perda. Certamente, o potencial produtivo do Brasil já não será o que seria em uma situação de clima normal, isto é, compatível com as médias históricas.

De acordo a StoneX, a produção de café deste ano no Vietnã não deve chegar 24 milhões de sacas, ou seja, a menor em quatro anos. De modo similar, a Volcafé também estimou a safra vietnamita para a temporada 2024/25 em 24 milhões de sacas, o menor volume dos últimos 13

anos, o que de acordo com a trading, ocasionará uma grave escassez global de fornecimento de Robusta para o ciclo 2024/25, marcando o quarto ano consecutivo dessa situação. É importante lembrar que o centro e o sul do Vietnã vivenciaram semanas de temperaturas recordes e nenhuma chuva em março/24 e abril/24, período de abertura das floradas vietnamitas. Seca, ondas de calor e a cochinilla, uma praga que prospera em condições quentes e secas, prejudicaram as lavouras de café do Vietnã, com perda do potencial produtivo para o ciclo 2024/25. De acordo com o Presidente da VICOFA (Associação de Café e Cacau do Vietnã), Nguyen Nam Hai, a safra de café vietnamita para o ciclo 2024/25, cuja colheita começa em outubro, provavelmente será de 15% a 20% menor do que o normal. Houve algumas chuvas nas últimas semanas, mas Hai disse que "não foi o suficiente". Com estimativas mais elevadas, o USDA prevê que a produção de café no Vietnã na safra 2024/25 será de 29 milhões de sacas, número muito próximo ao volume estimado pela entidade em 29,1 milhões de sacas para o ciclo 2023/24. Apesar da leve quebra apontada pelo USDA, é importante ressaltar que, mesmo que estivessem corretos, a safra 2024/25, estimada em 29 milhões de sacas representa cerca de 9% abaixo da safra 2021/22 e reflete uma tendência de queda de longo prazo na produção vietnamita.

Na contramão de inúmeras fontes, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o USDA, aponta uma safra recorde para o Brasil no atual ciclo (2024/25), idêntica a safra recorde de 2020/21, estimada em 69,9 milhões de sacas. A entidade também aponta números discrepantes de diversas fontes para a safra a ser colhida no Vietnã no ciclo 2024/25, com números que giram em torno de 5 milhões de sacas a mais do que as demais estimativas, conforme pode-se perceber no parágrafo anterior. A grande questão é que, com esses números, o USDA aponta um superávit global de 5,6 milhões de sacas. Todavia, seria muito inconsistente e contraditório a entidade não atualizar seus números em seu próximo relatório no mês de dezembro/24. E, considerando, as quebras de produção, apontadas recentemente por inúmeras fontes, para os maiores produtores de café do mundo, Brasil e Vietnã, o ciclo 2024/25 está para ser mais um ciclo de déficit global, porém, diante um cenário em que os estoques globais já se encontram em níveis críticos.

Também contribuindo para as altas do mês setembro/24, o mercado europeu extremamente aquecido, com exportadores mundiais e importadores europeus tentando antecipar seus negócios para evitar os procedimentos impostos pelo EUDR (Regulamento de Produtos Livres de Desmatamento da União Europeia), que entraria em vigor já no início de 2025. Assim como posto na Síntese do mês passado, o fluxo de exportações globais aquecido, não se deve exatamente ao excesso de disponibilidade, mas sim devido à demanda de importação aquecida pela União Europeia frente aos receios de desabastecimento diante sua própria Lei Antidesmatamento (EUDR).

No mês de setembro/24, o BCE (Banco Central Europeu) anunciou uma nova redução de 0.25% na taxa de juros europeia, que passou para 3,50%. O BCE já havia promovido uma redução nas taxas de juros em julho/24 e existe expectativa de novos cortes até o final do ano. Já o Banco Central dos Estados Unidos, o Federal Reserve (FED), cortou os juros em 0,5%, indo para os níveis de 4,75% a 5,00% ao ano. Esta foi a primeira queda dos juros norte-americanos desde 2020 e existe expectativa de novos cortes até o final do ano. A sinalização do início de um ciclo de corte nos juros por parte dos Bancos Centrais da Europa, dos Estados Unidos e de outras grandes economias acaba abrindo espaço para estímulos econômicos. A redução das taxas de juros acaba contribuindo para que estes importantes consumidores tenham mais crédito e capital para comprar bens de um modo geral. Em um cenário de estoques reduzidos e equilíbrio entre

produção e demanda, é possível que um maior poder de compra de importantes países consumidores venha a impactar positivamente na demanda, contribuindo, assim, para que as cotações de café permaneçam firmes por mais um tempo. Esta mudança na dinâmica da economia global, tende a converter o comportamento mais comedido e seguro dos players de mercado.

Certamente a queda do Dólar colaborou para o movimento altista do café nas principais Bolsas de café do mundo. A desvalorização do dólar, que iniciou o mês de setembro/24 acima de R$ 5,60 e encerrou abaixo de R$ 5,45, acaba atuando como um fator de sustentação para as cotações nas principais Bolsas de café do mundo, uma vez que a referida desvalorização tende a limitar a oferta brasileira em função do recuo que ocasiona nos preços do mercado físico.

Ao final do mês de setembro/24, os estoques certificados da Bolsa de NY estavam em 813.999 sacas, apresentando uma redução de 34.000 sacas no comparativo com o final do mês de agosto/24 quando os estoques estavam em 847.873 sacas. Há um ano atrás, os estoques certificados de NY estavam em 441.945 sacas, o que representa quase a metade dos estoques atuais. Apesar disso, os níveis ainda são considerados críticos.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

Apesar de setembro/24 ter sido um mês altista para as cotações de café, sinais de sobrecompra aliados às previsões de melhor volume de chuvas que começam a aparecer para as regiões cafeeiras do Brasil, pressionam fortemente as cotações neste início do mês de outubro/24.

Nos últimos meses, o mercado Novaiorquino já dava sinais claros de sobrecompra. A CFTC - Commodity Futures Trading Commission (Comissão de Negociação de Futuros de Commodities), no seu relatório do Commitments of Traders (Compromisso dos Operadores/Negociadores), do dia 24/09, apontava que os fundos detinham um saldo líquido comprado de 68.519 contratos na Bolsa de NY sendo que nos meses de abril/24 e julho/24 chegou a superar o saldo líquido comprado de 75.000 contratos. A última vez em que os fundos mantiveram um volume líquido de café comprado na Bolsa de Nova Iorque tão considerável foi entre os anos de 2021 e 2022 devidos aos efeitos das secas e geadas dos quais os fundos tiveram que precificar. Todavia, é importante observar que naquele período, o saldo líquido comprado dos fundos não avançou muito além desses níveis, o que sugere que o mercado atualmente já vinha precificando um risco climático extremo e que, tão logo surgissem previsões de chuvas mais volumosas, capazes de paralisar as perdas, uma correção baixista nos preços seria inevitável.

Atrelado a um mercado sobrecomprado e às previsões de chuva para mês de outubro/24, a queda dos preços no início deste mês de outubro/24, também se deve ao provável adiamento da lei de antidesmatamento, denominada EUDR (Regulamento de Produtos Livres de Desmatamento da União Europeia). Após ser pressionada, a União Europeia adiou em 12 meses a implementação da referida lei. Com adiamento, a previsão é de que a medida passe a valer a partir de 30 de dezembro de 2025 para as grandes empresas e de 30 de junho de 2026 para os micro e pequenos empreendedores. O adiamento da legislação que visa coibir o desmatamento em países que enviam produtos, incluindo café, para a União Europeia, reduz as preocupações com o desabastecimento que a lei pode ocasionar. A informação foi divulgada em nota pela Comissão Europeia e ainda precisa ser aprovada pelo Parlamento. A Comissão Europeia considera que um

período adicional de 12 meses para introduzir gradualmente o sistema é uma solução equilibrada para ajudar os operadores de todo o mundo a garantir uma aplicação da legislação de modo harmonioso desde seu início.

Enquanto o Brasil e Vietnã seguem com dificuldades para recuperar seus níveis de produção mais elevados diante as adversidades climáticas recentes, a Colômbia vem apresentando uma tendência de recuperação de sua produção, fato que também está evidente neste ano. Conforme relato recente do gerente da Federação dos Cafeicultores, Germán Bahamón Jaramillo, o crescimento da safra deste ano, já excede 12,5 milhões de sacas, indicador que não era visto desde 2021. Segundo estimativas colombianas, o ano deverá terminar com um volume que ultrapassará 13 milhões de sacas.

Com uma demanda aquecida diante um cenário de escassez no curto prazo, é preciso se atentar ao início da safra de importantes origens, cujo ciclo cafeeiro se inicia em outubro e se estende até setembro. O início do referido ciclo, com consequente aumento da oferta de cafés de importantes origens como Vietnã, Colômbia, origens da América Central, sempre pressiona as cotações do café.

Dados recentes da OIC (Organização Internacional do Café), apontam que as exportações de globais de café totalizaram 11,29 milhões de sacas em julho/24, contra 10,06 milhões de sacas registradas em julho/23, portanto, um incremento de 12,2%. De acordo com a OIC, as exportações de café nos dez primeiros meses da temporada global 2023/24, isto é, de outubro/23 a julho/24 apresentaram um acréscimo de 10,5%, alcançando 115,01 milhões de sacas, contra 104,05 milhões de sacas exportadas no mesmo período do ciclo 2022/23. Ainda, de acordo com a entidade, as exportações de café Arábica dos últimos 12 meses (agosto/23 a julho/24), totalizaram 82,26 milhões de sacas, contra 74,37 milhões exportadas no mesmo período anterior. Já os embarques de Canephora somaram 51,62 milhões de sacas, contra 49,75 milhões exportadas no mesmo período anterior.

Logicamente, as exportações brasileiras vêm tendo grande contribuição para a composição dos atuais níveis de exportação global. De acordo com o CECAFÉ, o Brasil exportou 3,733 milhões de sacas no mês de agosto/24, volume que eleva os embarques de café para 31,892 milhões de sacas no acumulado de 2024, sendo este o maior nível histórico para esse intervalo de oito meses. Na comparação com o mês de agosto/23, o desempenho apresenta crescimento de 0,7%, volume recorde para qualquer mês de agosto na história. No acumulado dos dois primeiros meses do ano safra 2024/25, as exportações alcançaram 7,516 milhões de sacas, o que implica em alta de 11,8% em relação aos 6,719 milhões embarcados em julho/23 e agosto/23.

O cenário caótico de infraestrutura logística nos portos brasileiros segue sendo um entrave para o escoamento dos cafés brasileiros. No mês de agosto, o atraso dos navios somou 1,9 milhão de sacas de café não embarcadas. De acordo com o Cecafé, o cenário de falta de estrutura física para recebimento das cargas nos portos e de atrasos e alterações de escalas de navios para exportar café continua muito preocupante e isso tem feito com que os exportadores brasileiros tenham que arcar com custos imprevistos e elevadíssimos de armazenagens adicionais, demurrage e gates antecipados. Em agosto, de acordo com dados preliminares do Boletim Detention Zero (DTZ), elaborado pela startup ElloX em parceria com o Cecafé, 69% dos navios, ou 197 de um total de 287 embarcações, tiveram alteração de escalas ou atraso para exportar

café nos principais portos do Brasil. Em um cenário de oferta pouco mais ampla, certamente esses gargalos podem impactar negativamente no market share dos cafés brasileiros.

Com as novas altas do mês de setembro/24, tanto na Bolsa de NY quanto de Londres, as indústrias apresentaram extrema dificuldade para composição de seus preços ao consumidor final. O que evidencia essa dificuldade é o fato de que o mercado físico não acompanhou a alta nas Bolsas, ou seja, em dado momento, o mercado travou e, com exceção dos cafés de peneira graúda (17/18), os diferenciais de base acabaram cedendo e alargando. Como exemplo, o basis de FC 2/3 Mtgb, que ao final de agosto/24 se encontrava na casa de -13,00 cents/lb, encerrou setembro/24 em -17,00 cents/lb. Um GC 3/4 Mtgb que ao final de agosto/24 se encontrava na casa de -20,00 cents/lb, encerrou setembro/24 em -23,00 cents/lb.

Se por um lado a economia europeia e norte-americana atuaram como fator de sustentação para as cotações do café no decorrer do mês de setembro/24, no Brasil o cenário fiscal segue não contribuindo. Enquanto a alta dos juros tende a atrair investidores ocasionando um viés de desvalorização do Dólar contra o Real, o persistente aumento da dívida pública nacional segue elevando o risco do país e levando à consequente fuga de capital de investidores estrangeiros, o que pode ocasionar um viés de valorização do Dólar contra o Real. Todo este cenário conflitante vem deixando o mercado cambial no Brasil extremamente volátil e incerto. Em um novo Relatório de Acompanhamento Fiscal (RAF), a Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado apontou dificuldades do governo federal na sustentabilidade dos gastos públicos. A estimativa da IFI é que a dívida pública do governo alcance um valor que corresponde a 80% do PIB ao fim deste ano e continue crescendo no próximo ano. Segundo o Banco Central, no mês de julho/24, o valor da dívida já somava R$ 8,8 trilhões. Para a Presidência da República, a dívida terminará 2024 em 76,6% e não chegará a 80%, algo difícil de se acreditar uma vez que, mesmo considerando a projeção de crescimento do PIB para o final deste ano, já se encontra acima de 78%. De acordo com o relatório (RAF), o crescimento insustentável da dívida que vem ocorrendo pode comprometer a esfera fiscal do país, aumentando mais ainda o risco de uma crise de confiança ou a necessidade de ajustes fiscais mais rigorosos. Por isso, é preciso seguir atentamente o cenário econômico brasileiro, pois no ritmo que segue, consequências extremamente negativas podem começar a aparecer em todos os setores. Como exemplo da fuga de capital estrangeiro do Brasil, no mês de setembro/24, investidores estrangeiros retiraram mais de R$ 1,65 bilhão da [B]³, com um acumulado negativo de mais de R$ 28 bilhões no ano. Em suma, a elevação da dívida pública, eleva o risco do país, o que leva a fuga de capital do país, com consequente viés para elevação da taxa cambial, maior custo do capital, o que reflete em um cenário de incertezas e aversão ao risco impactando negativamente, não somente a economia brasileira, mas também, ativos de risco tal como o café.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

No curto prazo, o que mais segue impactando nas cotações do café é o clima no Brasil. É possível notar claramente que, quando surgem as previsões de chuvas mais volumosas, os preços caem e, quando as previsões somem, os preços sobem. Apesar desse cenário de curto prazo que vem, inclusive, pressionando os preços nos últimos dias, o cenário de escassez não deve se encerrar no curto prazo, deve se estender ao menos até o ciclo 2025/26 e, assim, é possível que vejamos novos voos nos preços. Contudo, não se enganem, pois também é possível que as cotações sejam ainda mais pressionadas com a entrada da safra de outras origens, com a abertura da

florada principal no Brasil, além de outros fatores como correções técnicas com realização de lucro por parte de fundos de investimentos e especuladores, fatores econômicos e cambiais, dentre outros. Diante esse cenário, nos momentos de baixa, o produtor deve ponderar sua participação no mercado, se manter calmo e aguardar melhores oportunidades para montar suas médias. Já nos momentos de alta, é preciso ter atenção para não comer bola e perder as oportunidades. Voltem a trabalhar suas médias quando a Bolsa de Nova Iorque estiver acima de 260,00 cents/lb, aumentando um pouco o volume caso volte aos níveis de 270,00 cents/lb, mas sempre sem arriscar muito em poucos negócios.

Varginha, 04 de outubro de 2024.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.
Superintendente Executivo - Fundação Procafé